

DISCURSO E PRÁTICA SOCIAL: A REPRESENTAÇÃO DO PRECONCEITO HOMOSSEXUAL

DISCOURSE AND SOCIAL PRACTICE: REPRESENTATIONS OF HOMOSEXUAL PREJUDICE

Zaira Bomfante dos SANTOS*

Ana Clara Gonçalves Alves de MEIRA**

RESUMO: Quando se considera o discurso como uma prática social, levando em conta sua forte relação com a dimensão social, nota-se que o componente discursivo da linguagem pode revelar como a sociedade trata um dado tema. Nessa perspectiva, o propósito deste trabalho é refletir, a partir das considerações da Análise Crítica do Discurso (ACD) e da teoria da Linguística multifuncional de Halliday (2004), sobre como se dá a representação do preconceito homossexual em reportagens das revistas *Veja* e *Época*. Considerando a relação dialética entre linguagem e sociedade, observam-se, nessas reportagens, elementos semióticos que revelam relações sociais e valores culturais que reforçam *tabus* da sociedade em relação aos direitos sexuais.

Palavras-chave: Representação do preconceito homossexual. Discurso. Prática social.

107

ABSTRACT: When the speech is considered as a social practice, considering its substantial relationship with the social dimension, it's noticed that discursive component language can reveal how society deals with a given theme. Thus, the purpose of this work is to reflect, from the considerations of critical discourse analysis (CDA) and multifunctional Linguistic theory by Halliday (2004), about how the representations of homosexual prejudice are in reports from *Veja* and *Época* magazines. Considering the dialectics relationship between language and society, there are in these reports semiotic elements that present social relations and cultural values, reinforcing society's taboos concerning sexual rights.

Keywords: Representations of homosexual prejudice. Discourse. Social practices.

Introdução

A linguagem possui uma estreita relação com a dimensão social. A sociedade se revela via linguagem e é representada pela linguagem.

A partir das postulações da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), o uso da linguagem – discurso – é uma prática social. Estabelece-se uma relação dialética entre discurso e estrutura social. Considerando essas premissas da ACD e o seu

* Doutora em Estudos Linguísticos, POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: zaira-santos@hotmail.com.

** Doutoranda em Estudos Linguísticos, POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bolsista CAPES. E-mail: anaclaremeira@hotmail.com.

posicionamento em buscar desvelar as relações de poder, opressão, dominação que perpassam pelo discurso através da autorreflexão, este trabalho se propõe a discutir sobre a representação do preconceito homossexual em alguns eventos discursivos.

O conceito de discurso apresenta-se como uma ferramenta para entender o social e as interações humanas bem como para compreender a linguagem dentro da perspectiva dialógica de constituinte/constituída de imagens, representações, conhecimentos, hábitos, identidades. Kress (1989) diz que processos linguísticos e sociais são totalmente conectados e os discursos se apresentam como um conjunto sistematicamente organizado que dá expressão aos significados e representam os valores de uma instituição. Assim, as práticas sociais, segundo Resende e Pereira (2010), estão sempre associadas a diferentes campos da atividade humana, têm um componente discursivo, em maior ou menor escala.

Levando em conta essas noções, propõe-se demonstrar o componente discursivo da linguagem na representação do preconceito homossexual no contexto brasileiro em reportagens. A análise das reportagens será realizada a partir do vocabulário – seleção lexical – das categorias apontadas por Halliday (2004), como a função ideacional – sistema de transitividade – para o componente verbal.

O cenário da homossexualidade

Ao se lançar um olhar sobre a homossexualidade, observa-se que a complexidade na discussão de tal tema sempre acompanhou a evolução da humanidade. Com o passar dos tempos, a humanidade se mostrou repressora ao tratar de uma temática que sempre andou lado a lado com sua evolução e acabou criando barreiras de aceitação.

A partir de movimentos de resistência de grupos de minoria, a sociedade tem sido chamada à responsabilidade para discussão do tema da alteridade e da inclusão das minorias, o que implica discutir sua posição frente aos novos sujeitos que a constituem e reivindicam seus direitos. De acordo com Diniz (2008), alteridade, heterogeneidade, diferença, diversidade, multiculturalismo são algumas das expressões mais usadas nos últimos tempos nos movimentos sociais para fomentar tal debate.

Diversidade sexual e de gênero tem sido um tema constante na mídia, por meio das novelas, do cinema, da publicidade e etc., o que certamente tem provocado o debate na sociedade. No entanto, para Diniz (2008), essa excessiva discursividade da mídia em relação ao tema nem sempre resultou em uma diminuição dos sintomas de *sexismo* e

homofobia. Se a visibilidade de formas alternativas de viver a sexualidade, tematizadas pela mídia, impõe certo reconhecimento das causas ligadas às minorias sexuais e de gênero, por outro lado, não deixa de provocar manifestações de grupos mais conservadores.

Vive-se em um cenário mundial de intolerância que se expande para o espaço da vida privada, dificultando a aceitação de formas não padronizadas de se conceber a relação com o outro. Connell (2005) aponta que, na maioria das sociedades ocidentais, a heterossexualidade é a norma e ela é constantemente reforçada seja em nível micro (dentro das famílias e a partir dos primeiros anos de vida) ou em nível macro (por meio de instituições como a escola, igreja, etc.).

Pensar conceitos como heterossexualidade e homossexualidade como sendo historicamente produzidos constitui-se em uma estratégia de resistência às tentativas de rígidas fronteiras entre as práticas sexuais, permitindo a construção de uma variação temática bastante diversa. Debater a questão no seio social potencializa o ser humano a descobrir os limites e possibilidades impostas a cada indivíduo quando se submete aos estereótipos que são atribuídos a uma identidade sexual e de gênero. Isso parte exatamente na direção oposta à determinada abordagem da questão homossexual realizada pelos veículos midiáticos na produção de uma *naturalização* do sujeito homossexual.

Perspectivas Teóricas

Foram eleitos alguns pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), como aporte teórico para o trabalho, pois essa teoria permite refletir sobre a linguagem e as práticas discursivas na sociedade contemporânea e relacionar os componentes verbais e não verbais do processo de produção de significado chegando, assim, à apreensão da significação social dos fatos da linguagem.

Seguindo a perspectiva de Fairclough (2003, p.25), “os textos são partes dos eventos sociais e não simplesmente efeitos de estruturas linguísticas e ordem do discurso, mas são efeitos de outras estruturas sociais e de práticas sociais em todos os aspectos”. Dentro dessa perspectiva, a ACD vê o discurso como noção integradora em três dimensões: o texto, a prática discursiva e a prática social. Logo, estabelece-se uma relação dialética entre discurso e estrutura social: o discurso é uma prática tanto de representação quanto de significação do mundo, constituindo e ajudando a constituir as identidades sociais, as relações sociais e o sistema de conhecimento e crenças.

Um aspecto imprescindível nesse processo de construção da realidade é a função desempenhada pela linguagem. Por intermédio dela, somos capazes de definir e expressar em palavras a realidade que apreendemos. Nossas experiências do dia a dia são mantidas principalmente por intermédio da significação linguística. Para Berger e Luckmann (2002), a linguagem tem a capacidade de integrar diferentes zonas da realidade dentro da realidade da vida cotidiana, dotando-as de significados. O que torna a linguagem indispensável para nossa vida social é que, por meio dela, podemos atualizar, a qualquer momento, um mundo inteiro.

Logo, “a linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências.” (BERGER e LUCKMANN, 2002, p.57). Isso mostra como o universo simbólico é uma ferramenta legitimadora da realidade social. Berger e Luckmann (2002) sustentam, nesse sentido, a capacidade de a linguagem edificar representações simbólicas para a realidade, o que coloca a linguagem e o social num mesmo espaço, em que um é a realização do outro. Essa visão é compartilhada por Halliday (1978, p. 2) para quem a linguagem é sócio-semiótica e a realidade social, sujeita a processos de transformação. O interesse de Halliday (1978), nessa díade entre linguagem e realidade social, está voltado para o potencial linguístico e seu papel funcional na construção e manutenção de significados para a sociedade (tais como as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento), isso porque o autor interpreta os processos linguísticos na perspectiva da ordem social.

A perspectiva hallidayana da linguagem

Na perspectiva hallidayana, texto é entendido como um fenômeno social e, como tal, é condicionado por outros sistemas sociais. A língua é um sistema em que o indivíduo faz suas escolhas segundo o contexto social no qual está inserido e a gramática tem como função auxiliar na análise dos textos. Assim, a linguagem se organiza não só em torno do seu sistema linguístico, mas também em torno do seu sistema de dados do contexto social.

Por entender que a linguagem se organiza em torno de um propósito – uma função –, Halliday estabelece para os componentes funcionais da linguagem três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Neste trabalho, será destacada a metafunção ideacional – fonte de construção de conteúdo. Halliday e Matthiessen (2004) propõem, dentro dessa metafunção, o Sistema de Transitividade, responsável por ordenar e representar nossas experiências de mundo. Esse sistema apresenta uma

condição de entrada chamada de experiencial, permitindo para a representação de um fragmento da experiência a escolha de um dos seis processos disponíveis (verbal, mental comportamental, material existencial ou relacional), conforme mostrado abaixo:

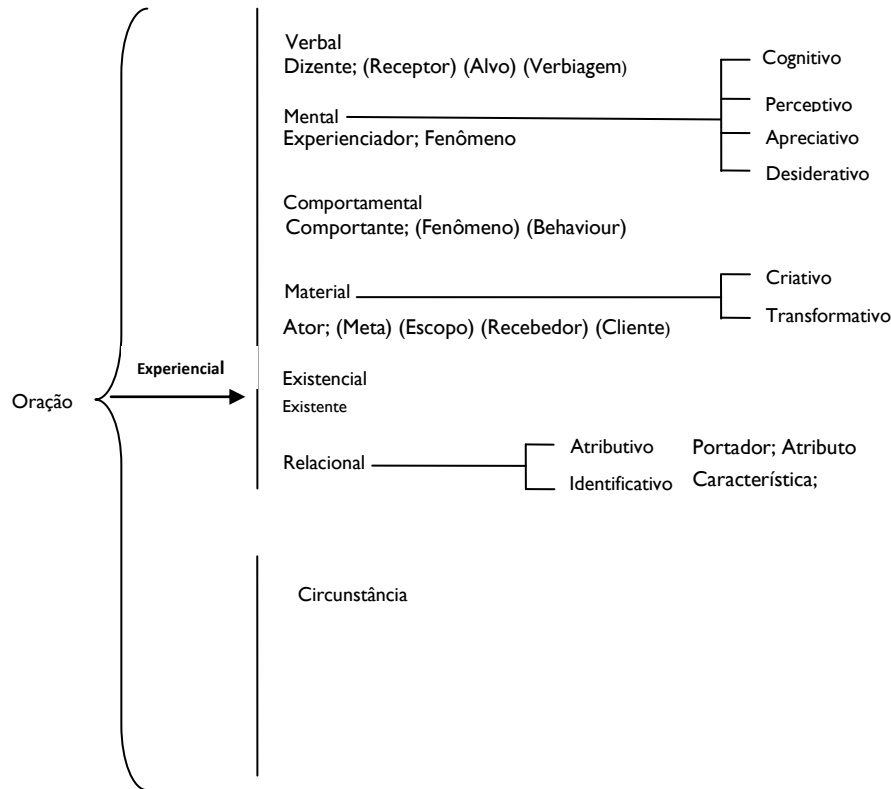


Fig. 01 – Sistema de Transitividade baseado em Halliday e Matthiessen (2004, p. 173)

A partir dessas considerações propostas, na seção seguinte, será analisada a representação do preconceito homossexual nas reportagens de construção de significados ideacionais.

A representação nos textos

Nesta seção, será efetuada uma leitura das escolhas dos processos realizados textualmente nas duas reportagens selecionadas como *corpus*. Serão examinadas as relações de sentido construídas a partir dessas escolhas, assim como a relação do discurso estabelecida com os outros momentos da prática (pessoas, relações e mundo material). Como ponto de partida, serão observadas as ocorrências dos tipos de processos nas reportagens, analisando quem é incluído como participante. Fairclough (2001) pontua que as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações, que correspondem a escolhas sobre como significar e construir conhecimentos

e crenças. Nesse sentido, atentar-se-á para o fato de que cada escolha no Sistema de Transitividade adquire um significado em relação de oposição a outras escolhas que poderiam ter sido feitas.

Reportagem 1

A reportagem 1 (anexada) relata como o jogador de vôlei Lilico enfrentou o preconceito após revelar que era homossexual. Nesse texto, é notável a ocorrência de processos relacionais verbais e materiais. As ocorrências de processos materiais destacam as ações do ator (jogador) no esporte – seu desempenho– bem como sua ação de assumir a homossexualidade:

1-[...] *jogo* como um homem.

2-Ele *atinge* a bola a 3,60 metros do chão quando dispara cortadas na quadra adversária.

3-Ele *despertou* a atenção no país ao revelar numa entrevista que é homossexual.

4-A atitude, raríssima no mundo do esporte, *provocou* uma ruidosa polêmica.

5-O jogador *resolveu* sair do armário.

6-*Pediu* a palavra no vestiário [...].

7-Muitos dos atletas presentes *seguraram* o riso.

8- *Tirei* um peso das costas.

9-Mereço respeito, pois sou um profissional e nunca *entrei* na quadra desmunhecando.

Nota-se, no excerto 7, a ação dos atletas de conter o riso indicando uma aversão – repúdio – à atitude de Lilico. Todavia, o trecho 8 relata a sensação de alívio do ator (Lilico) ao abrir sua vida pessoal e assumir sua preferência sexual.

As ocorrências de processos relacionais vêm identificando ou classificando – trazendo atributos – aos participantes do texto. Percebe-se, por meio dos excertos, que os processos descrevem atributos aos portadores além de reforçar a preferência sexual do portador Lilico e a situação de conflito vivida:

10- *Sou* gay [...].

11-Nunca *fui* discriminado.

12-Todos no mundo do vôlei já sabiam que eu *sou* gay.

13-Suas camisetas e calças justas *viraram* motivo de piada.

14- A situação *ficou* insuportável no carnaval de 1995.

As ocorrências dos processos verbais trazem como os participantes falam (contam, dizem, desabafam, etc.). No texto registra-se, em vários momentos, o relato do dizente (Lilico) de como assumiu e lidou com o preconceito. Observa-se uma necessidade/obrigação de contar, justificar, revelar sua preferência para aquisição de respeito:

15-“Nunca fui discriminado, tanto é que já defendi o Brasil em competições infantis e juvenis”, *argumentou*.

16- E, tranquilamente, *reafirmou* sua preferência sexual.

17-Primeiro, *revelou* ao gerente de esportes do clube que era homossexual.

18-[...] *contou* que havia tomado a decisão de nunca mais sair com meninas.

No excerto 15, o dizente (Lilico) justifica-se/argumenta mediante os rumores de ter sido vítima de preconceito por não estar na lista de convocados da seleção e afirma, categoricamente, que todos no mundo do vôlei já sabiam que era homossexual.

A reportagem se estende trazendo mais informações sobre o preconceito no mundo dos esportes e como outros atletas foram vítimas e enfrentaram o preconceito:

19- “*Perdi* patrocinadores e *fui* discriminado pelos próprios atletas, que se *negavam* a dividir quarto comigo em concentrações” (Walmes Rangel).

O texto acentua casos em que alguns esportistas, apesar do grande preconceito, lidaram com a questão de forma mais natural. Porém, observa-se, em todos os casos relatados, a dificuldade da aceitação pacífica da sociedade e o conflito a que os atletas são submetidos ao assumirem suas preferências.

A lexicalização que, segundo Fairclough (2001), consiste numa das formas mais facilmente visíveis para se identificar como os indivíduos ou grupos sociais são representados, serve aqui para demonstrar como o homossexualismo é tratado a partir do vocabulário utilizado na construção do texto bem como alguns atributos e características dadas ao participante. A seleção lexical do título da reportagem, o conteúdo da fala do atleta (Lilico) dialoga com a fala da esportista (Amelie) numa

estratégia de criticar o preconceito ao grupo: “Sou gay e jogo como homem”, *gay* pode jogar tão bem se for à moda de um homem. Termos como “sair do armário”, “desmunhecando”, orações como “suas camisetas e calças justas viraram motivo de piada” revelam um preconceito naturalizado no uso das palavras para se referir/discutir o tema, refletem um alto nível de dificuldade que a sociedade tem para tratar o assunto.

Reportagem 2

A reportagem 2 (anexada) da revista *Época* relata o caso de homofobia enfrentado pelo jogador do vôlei Futuro, Michel, em uma das competições. O texto ainda traz um diálogo com o caso do jogador Lilico no processo de enfrentamento com o preconceito.

Registram-se, na reportagem, ocorrências de processos materiais, comportamentais, relacionais e verbais que destacam alguns episódios que compõem a narrativa. Os processos materiais ressaltam as ações tomadas pelo jogador no ápice do conflito:

20- Jogador do vôlei Futuro *assume* depois de ser discriminado pela torcida adversária.

21- Michel *decidiu* – entre assustado e indignado com o comportamento da torcida – *assumir* a homossexualidade para condenar a homofobia no esporte.

22 - [...] Michel dos Santos, do time paulista, *precisou* de mais concentração do que qualquer outro atleta na quadra.

23-[...] Michel teve que lidar com a torcida, que, em coro, *gritava* “*bicha*” ou “*gay*” toda vez que ele ia para o ataque ou para o saque.

Verifica-se, no excerto 23, o comportamento da torcida através da ação intolerante de tirar a concentração do jogador. A ocorrência de processos relacionais destaca os atributos do participante além de pontuar a agressão sofrida como normal:

24- Sim eu *sou* gay.

25- [...] todo mundo vai achar que esse tipo de agressão *é* normal.

26 - Michel não *tinha* a intenção de sair do armário.

27-Assumir a homossexualidade, como fez Michel, ainda *é* tabu no mundo do esporte.

Os excertos acima revelam um preconceito impregnado quando o tema é o homossexualismo, a questão é tratada como tabu, a agressão é considerada algo normal. O tema só possui legitimidade quando/se o indivíduo se assume e traz o debate para a esfera comunicativa.

A reportagem, assim como a primeira, é marcada por processos verbais que destacam a ação do dizente (Michel) no processo de se assumir além de ressaltar o preconceito/ as agressões enfrentadas:

28- À *Época*, *contou* que sempre houve torcedores que xingavam, mas eram dez, 15 pessoas.

29- [...] ele deu entrevista ao *Globoesporte.com* e *disse* o que poucos se atrevem dizer: Sou gay.

30- Se eu não *falar*, todo mundo vai achar que esse tipo de agressão é normal.

31- Michel *afirma* que está recuperado para a partida.

A reportagem também é marcada pela ocorrência de processos mentais que explicitam o desejo do participante em relação à questão:

32 -Não *queria* expor minha opção sexual. Só *queria* mostrar minha indignação.

33 - Não *quero* que ninguém passe por esta situação constrangedora novamente.

A reportagem se estende trazendo informações de outros participantes no Brasil e no exterior em relação à questão. Além de ressaltar o tabu e o silêncio sobre o tema; entretanto, destaca também a reação dos torcedores do vôlei Futuro:

34- [...] os torcedores do vôlei Futuro *anunciaram* a intenção de protestar com cartazes contra a discriminação aos gays.

Em relação à seleção lexical da reportagem, observam-se termos como: “*perseguição da torcida, bicha, gay, tabu, restrito, sair do armário, xingavam, agressão, discriminação*” e etc., quando se refere ao homossexualismo reiterando uma complexidade ao tratar o tema e a dificuldade de uma aceitação pacífica.

Considerações finais

Ao se considerar o discurso como uma prática social devido sua estreita relação como a dimensão social, observou-se, a partir das análises das reportagens, como ele representa as relações sociais homossexuais no contexto brasileiro. O componente discursivo da linguagem nas reportagens revela um cenário conflituoso e preconceituoso por parte da sociedade ao tratar do tema.

A primeira reportagem expõe a polêmica em torno do jogador Lilico ao assumir sua homossexualidade. Ele é questionado se sua preferência sexual contribuiu para a não convocação na seleção brasileira. O jogador expõe o comportamento das pessoas em relação a sua opção: “risos”, “piadas”, “insultos”, “coros ofensivos”, revelando atitudes preconceituosas. A reportagem ainda traz mais relatos de outros esportistas que mostram a complexidade da questão. A segunda reportagem apresenta um caso de homofobia contra o atleta Michel. A seleção lexical da reportagem corrobora para acentuar o preconceito social através de termos como: *gay*, *tabu*, *agressão*, *discriminação*, *xingamentos* e etc. As escolhas dos processos nas reportagens acentuam as ações dos jogadores no enfrentamento ao preconceito como também no comportamento social em relação a esse tema. Os processos relacionais identificam os participantes e ressaltam a complexidade da questão: “*a orientação sexual é e vai ser por muito tempo uma questão complexa*”, “*não é fácil para quem fala*”, “*sou gay*”, “[...] *a homossexualidade é tabu*”, além de apontarem as mudanças ocorridas: “*A tolerância às diferenças, antes verificada apenas no ambiente de vanguardas e nas rodas intelectuais e artísticas, está se tornando uma regra [...]*”. Os processos verbais revelam o conteúdo da fala dos participantes que os posiciona diante do tema.

Ao se fazer um distanciamento entre a primeira a segunda reportagem, observa-se um espaço de 10 anos; todavia, atos de preconceito contra homossexuais persistem, especificamente, nos casos de atletas. A segunda reportagem busca pontuar as mudanças ocorridas no cenário brasileiro em relação ao preconceito, mesmo apontando os avanços e “a naturalização” da aceitação, o texto revela que essa aceitação é complexa, está distante de ser pacífica ou não conflituosa.

É possível notar, nos textos analisados, que o homossexualismo continua sendo uma questão complexa de ser debatida e aceita pacificamente na sociedade. Os textos apresentados são amostras da prática social; pois, segundo Fairclough (2001), a constituição discursiva de uma sociedade decorre da sua prática social (atividades que são realizadas no dia a dia ao conduzir a vida social), que está arraigada às estruturas

sociais e não a um jogo livre de ideias na mente dos indivíduos. Assim, as reportagens refletem o comportamento social e acenam o modo de engajamento da sociedade ao tratar a questão. Contudo, a tematização da sexualidade, o debate e a discussão constitui um exercício de resistência e reflexão para desconstruir estereótipos arraigados no seio social e violar pactos de silêncio sobre a questão.

Referências

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2008. Título original: *The social construction of Reality*.

CONNELL, R.W. **Masculinities**. Los Angeles: University of California Press, 2005.

DINIZ, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Revista Educação Sociedade**. Campinas, v.29, n.103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponibilidade em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing Discourse**. London: Routledge, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as a Social Semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M., MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

KRESS, G. **Linguistic processes in sociocultural practice**. London: Arnold publishers, 1989.

LUZ, S. R. Sou gay e jogo como homem. **Revista Virtual Veja**. SÃO PAULO: Editora Abril. Disponibilidade em: <http://veja.abril.com.br/310399/p_070.html>. Acesso em: 26 abr. 2011.

RESENDE V.; PEREIRA, F. (Orgs.). **Práticas socioculturais e discurso**: debates transdisciplinares. Livros LabCom. Série: estudos em comunicação, 2010.

SORG, L. Michel dos Santos: Sim, eu sou gay. **Revista Época Online**. São Paulo: Editora Globo, 7 abr. 2011. Disponibilidade em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI224511-15215,00-MICHAEL+DOS+SANTOS+SIM+EU+SOU+GAY.html>>. Acesso em: 24 abr. 2011.

WODAK, R.; MEYER, M. (Orgs.). **Methods of critical discourse analysis**. 2. ed. Los Angeles, Londres, Nova Délhi, Singapura, Washington: Sage, 2009.

[Recebido: 20 out. 2013 / Aceito: 09 dez. 2013]